

A nossa imagem no Brasil está a mudar. E vice-versa também

Gerações mais bem formadas e capacitadas estão a chegar aos dois lados do Atlântico. Mas presença de brasileiros tem muito mais impacto no nosso país



Salomé Filipe
sociedade@jn.pt

RADIOGRAFIA Do Brasil chegam a Portugal, todos os anos, milhares de brasileiros, número que disparou desde 2017. Só no ano passado, foram 39 456 e são mais de 200 mil os residentes. Mas esta nova leva de imigrantes distancia-se da imagem datada que os seus antecessores deixaram: a de trabalhadores pouco qualificados. Empresários, advogados, artistas e académicos têm escolhido Portugal como casa. No sentido inverso, também a presença de portugueses no Brasil – e consequentemente a imagem do nosso país lá – sofreu alterações.

Pedro Góis, sociólogo e investigador do Centro de Estudos Sociais (CES) da Universidade de Coimbra, diz que “o estereótipo do senhor Manuel da padaria, de bigode e não empoderado social-

mente”, está a desaparecer. A vinculação entre Portugal e Brasil é, segundo Pedro Góis, inquestionável.

“Quando a economia portuguesa cresce, vêm brasileiros para cá. Quando é a do Brasil a crescer, vamos nós para lá. Mas o impacto dos portugueses no Brasil não se nota tanto”, assegura o investigador.

AO SABOR DAS CRISES

Se a emigração portuguesa para o Brasil começou mais cedo, com uma vaga importante no início do século passado, a que aconteceu em sentido contrário só teve maior expressão a partir dos anos 80. “E, no início do novo milénio, assistimos a um grupo mais diversificado de brasileiros a vir. Esse fluxo parou com a crise económica e retomou, nos últimos anos. Atualmente, vêm desde trabalhadores pouco qualificados até às elites”, adianta.

Para o investigador do CES, “o estereótipo da sexualização da mulher brasileira [que ficou de vagas migratórias anteriores] evoluiu, mas não

SABER MAIS

“Precisamos deles”

Pedro Góis vinha bem “a importância da comunidade brasileira em Portugal. Sem os brasileiros, muitos dos nossos negócios colapsavam. Precisamos deles e eles precisam de nós”, frisa.

Onde trabalham

As áreas que mais sofreriam com a saída de brasileiros de Portugal seriam “o turismo, a prestação de cuidados a idosos, a agricultura, os call centers e os transportes públicos”.

Questões raciais

“Ainda temos muito para resolver, no âmbito das questões raciais e de estereótipo. Os brasileiros, com todos os seus tons de pele, vêm desafiar-nos a pensar. No Brasil, já existem quotas raciais. Deveria haver cá? É necessário o debate”, aponta Pedro Góis.

desapareceu”. “Mas o certo é que já houve uma normalização da presença brasileira em Portugal. Já não questionamos o que fazem aqui. E temos uma presença muito forte de artistas, intelectuais e empresários”, constata o sociólogo.

PRECONCEITO RESISTE

Pedro Góis sublinha que “o preconceito é muito resistente e muda lentamente”. E isso também se aplica à imagem dos portugueses no Brasil. “O estereótipo era o senhor Manuel da padaria, com o seu bigode, rico de alguma forma, mas socialmente não muito empoderado”, refere.

Nos anos 80 e 90, Portugal começa a projetar-se no Mundo como um país mais moderno. “A partir de 2000, vai para o Brasil um grupo de portugueses em menor número, mas que tem mais impacto. São gestores, arquitetos e engenheiros que vão trabalhar para empresas brasileiras”, acrescenta Pedro Góis.

Ao JN, fonte oficial do Ministério dos Negócios Estrangeiros (MNE) confirmou que a geração mais antiga de portugueses no Brasil “está ligada aos setores do comércio, restauração, hotelaria, construção civil, imobiliário, transportes e agro-negócio”. E que “a mais jovem está ligada ao mundo empresarial, às profissões liberais e ao mundo académico e artísticos”. No final de 2021, estavam inscritos mais de 850 mil portugueses nos postos consulares brasileiros, a maioria no Rio de Janeiro e em São Paulo. Mas Pedro Góis refuta estes números. “Não há 850 mil. Porque quando se vêm embora não se desvinculam e muitos deles são brasileiros”, garante o investigador. ●



Quem partiu do Brasil para Portugal ou fez o caminho inverso desconstrói todos os dias estereótipos que perduram. É o caso de Fernanda Machado, de 43 anos, que deixou Balneário de Camboriú rumo a Ilhavo. Não é “uma brasileira que vem atrás dos maridos das portuguesas”, mas sim uma empresária de sucesso, proprietária de um hotel e com um segundo em fase final de construção. Tal como Eduardo de Castro, 60 anos, natural de Alfândega da Fé. Primeiro em Angra dos Reis e mais tarde em São Paulo, o chefe de cozinha/empresário afirmou-se como a antítese do “português pouco inteligente e de bigode”, imagem que os brasileiros tinham do povo lusitano quando lá chegou.

1. FERNANDA MACHADO Prestes a abrir segundo hostel

O destino conduziu Fernanda Machado, de 43 anos, ao lugar onde está. Em março de 2020, em Ilhavo, abriu o Hostel Secret Garden, um alojamento local onde recebe – por um máximo de 30 dias – brasileiros que imigram para Portugal. Também presta serviços de consultoria a compatriotas, aju-

dando-os a instalarem-se. E não tem mãos a medir: o hostel tem lotação completa até ao final do ano.

Natural de Balneário de Camboriú, Santa Catarina, Fernanda deixou o Sul do Brasil em 2019. “Tinha uma empresa que prestava serviços de terceirização de mão de obra e de logística marítima. Mas o Brasil entrou numa crise política muito grande e as empresas às quais eu prestava serviço foram todas embora”.

Viuva e com dois filhos – hoje com 12 e 17 anos –, a empresária decidiu arriscar. Desfez-se dos ativos que a sua empresa tinha e veio a Portugal ver se gostava. Gostou, ficou e investiu.

“Quando abrimos, veio a pandemia. Fiz parcerias com empresas que estavam a trabalhar na região e cujos trabalhadores não se podiam deslocar. Depois, veio o verão e trabalhei com turistas nacionais. A seguir, direcionei-me para os estudantes”, recorda.

Nas redes sociais, ia contando a sua vida. E, quando deu conta, já passava “quase seis horas por dia a responder a perguntas de brasileiros que queriam vir”. “Nada foi planeado. O mercado conduziu-me”, sublinha a empresária, que está prestes a abrir outro hostel.

Fluxos migratórios

— Entrada de portugueses no Brasil
Fonte: Observatório da Emigração (até 2020)

— Entradas de brasileiros em Portugal
Fonte: Relatórios de Imigração, Fronteiras e Asilo, SEF

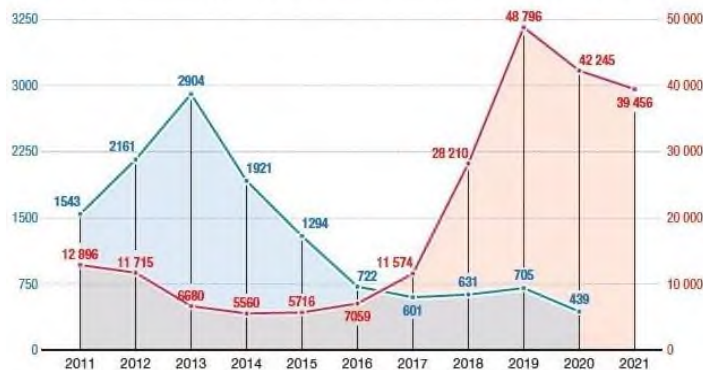


Gráfico com escalas diferentes: 750 portugueses por cada 10 000 brasileiros



REPORTAGEM

Têm carreiras de sucesso e destroem preconceitos

Mudança Fernanda vendeu empresa e instalou-se em Ílhavo. Eduardo é chef e diz que Portugal tem de modernizar a sua imagem



2

Fernanda garante que sempre foi “bem recebida”. “Se houve brasileiras que vieram atrás dos maridos das portuguesas, esse não é o meu caso”, assegura. A amiga Ju Nogueira, também brasileira, confirma. “Também fui bem recebida. O preconceito existe em todas as nações, mas não se deve rotular um povo”, ressalva Ju, consultora de imagem que também teve sucesso ao abrir o Salão Madame, em Aveiro. “Fiz várias amigas brasileiras cá, muitas empresárias também de sucesso. É muito bom”, diz Fernanda.

2. EDUARDO DE CASTRO Ainda há ideia que português é burro

Tem Alfândega da Fé, de onde é natural, no coração, mas vive no Brasil, em São Paulo, há 12 anos. Antes, já lá tinha estado, nos anos 90, mas a situação econômica do país não deixou os seus negócios prosperar. Eduardo de Castro, 60 anos, é proprietário do restaurante Casa do Chef, em Morumbi, depois de ter feito sucesso com um primeiro estabelecimento em Angra dos Reis, “um lugar paradisíaco onde todo o português sonha passar férias”.

Começou como jornalista

em Portugal. Rumou a França, depois à Suíça – onde se formou em gastronomia – e acabou por aterrar no Brasil nos anos 90. “Ainda apanhei um pouco da leva de portugueses que tinha vindo para cá para fugir da Guerra Colonial. Eram pessoas com pouca instrução, muitas do interior, e que vieram trabalhar para padarias, táxis, postos de gasolina. Foram anos difíceis. Agora, a presença portuguesa está a mudar”.

Com um restaurante que se assume “autoral e de inspiração ibérica”, o chef quis mostrar que “em Portugal não se come só bacalhau”, primando pela modernidade. O que entende faltar à imagem que Portugal passa para fora: “falta presença cultural portuguesa no Brasil” e “visão”. “Os turistas brasileiros que visitam Portugal têm feito muito pela nossa imagem. Descobriram um país que não somos capazes de mostrar. É obrigatório modernizar a presença portuguesa no estrangeiro”, sublinha Eduardo de Castro. O chef diz que a nova geração de treinadores de futebol, que está a dar cartas no Brasil, tem ajudado a mudar a imagem. “Mas ainda há um pouco a ideia de que o português é burro”, lamenta. ● S.F.